

O facto contribuiu para que se mallograssem os esforços que o infeliz rei fez para angariar meios pecuniarios, provenientes dos direitos de senhoriagem, com que novamente se defrontasse com o poder do seu irreconciliavel inimigo, em cujas mãos a fatalidade e a influencia de traidores collocou o sceptro dos reis de Portugal.

Para concluir esta breve serie de noticias interessantes, diremos que não se deve estranhar que nas duas estampas do livro do Sr. Rollin Couquerque falte a moeda n.º 4 de Aragão, cuja legenda no reverso é TANDEM · BONA CAUSA · TRIVMPHAT, porque os seus cunhos já não existiam em Gorcum no anno de 1868, como Renier Chalon diz a pag. 32 da monographia *Don Antonio Roi de Portugal, son histoire et ses monnaies*. A moeda foi, como nos parece, *le milleres*, 2), ou dois cruzados de ouro.

O livro do Sr. Couquerque é escrito em francês. A linguagem, finamente burilada, e o assunto, de tão palpitante attractivo, delicia o leitor até á pagina final. Os 23 documentos comprovativos, que o autor encontrou em differentes archivos, principalmente nos judiciaes e communaes de Gorcum, dão á narrativa historica autenticidade que não tem contradita possivel.

Lisboa, Outubro de 1904.

MANOEL JOAQUIM DE CAMPOS.

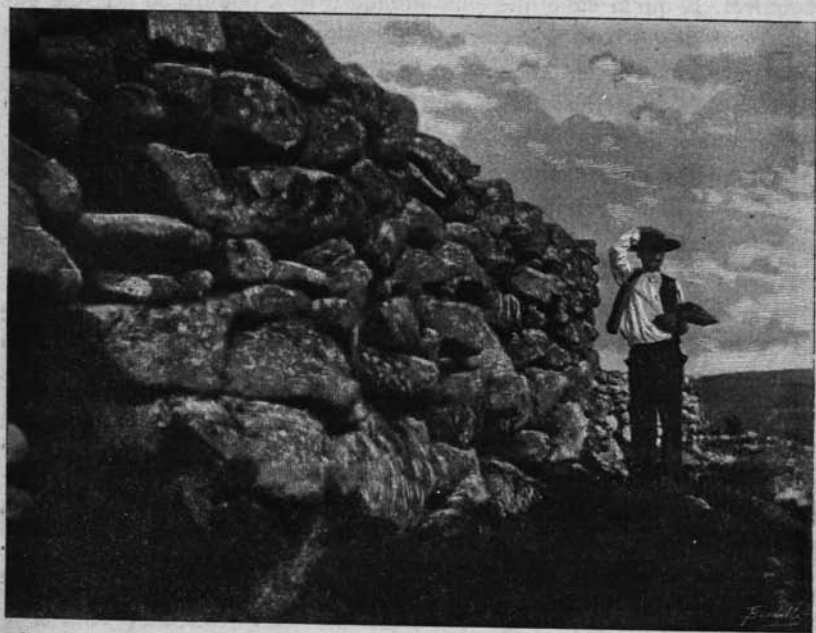
Um castro com muralhas

Um das ruinas mais imponentes de muralhas castrejas são as que ainda hoje se podem ver na sertaneja freguesia de Cabreiro, concelho de Arcos de Valdevêz, em um alto cabeça situado numa ramificação da serra do Suajo, e chamado o *Crasto das Necessidades*. Explorei-o em Agosto de 1903.

A muralha, que o rodeia, tem uma extensão total de 440 metros e uma largura mais ou menos uniforme de 2 a 3 metros. As pedras que a compõem, não tiveram lavor algum, e são de dimensões muito variaveis. A tarefa de as conduzir das encostas e cabeços circumvizinhos é que se pôde considerar obra verdadeiramente titanica. O accesso para este alto é aspero, principalmente do lado do O., sobre o rio Vez, acima do qual se ergue 300 metros. Para E. o declive, com ser ainda muito forte, é mais suave, mas não deixaria de offerecer grande embaraço para o transporte do pesado material.

As pedras são brutas, e tiveram de ser procuradas a differentes distancias, onde os numerosos afloramentos graniticos tivessem sido cor-

roidos pela acção dos agentes naturaes, por fôrma que apresentassem desagregamentos superficiaes. No estado actual das muralhas, o paramento é pois rude; apenas se procurava collocar horizontalmente e á face cada um dos calhaus. Existem grandes intersticios que permitem a escalada ao menos acrobata dos exploradores. A altura primitiva d'estes muros não deveria exceder 2 metros, a julgar pela porção desmoronada e em ruina; esta altura, que poderá parecer insufficiente para o valor defensivo da fortaleza, deixa de o parecer, se attendermos a que o pendor das encostas, junto das muralhas, era o maior obstaculo aos sitiantes.



Muralha do castro de Cabreiro (Arcos de Valdevez)

A planta do circuito muralhado é proximamente triangular, em obediencia apenas á fôrma do morro, mas, pelo mesmo motivo, as muralhas não estão no mesmo plano horizontal, nem apresentam cortinas rectas ou regulares senão sinuosas, ao sabor das ondulações da terra.

Na extremidade norte d'este ambito, a qual vem a ser o vertice do triangulo, a muralha fôrma tosco esporão ou revelim muito saliente e agudo, cuja espessura attinge o maximo de 8 metros. Em muitos pontos, os constructores d'esta obra aproveitaram a penedia do monte para assegurar a defesa e elevarem a muralha.

São coevas do crasto estas muralhas? É preciso dizer-se que uma construção, que hoje naquelle logar se fizesse de pedras brutas, teria exactamente o mesmo aspecto. O que lida em favor da grande antiguidade d'estas muralhas é menos o seu paramento, de aspecto primitivo aliás, do que a sua grande espessura, a pequenez do seu circuito e a sua situação na crista de um cabeço. Não ha vestigios de fosso algum.

Aquella pergunta é-me porém suggerida pela escassez dos vestigios proto-historicos dentro do recinto.

O mais importante para o archeologo fica sendo, num caso como este, apenas a toponymia e a lenda. Se dentro chegou a haver casas ou habitações de pedra, de typo castrejo, devo confessar que já as não encontrei. E quem sabe que estabilidade teve a população que tão ousadamente assim corou o morro de granito? Teria sido um refugio de populações, que, habitualmente mais disseminadas por aquellas montanhas invias e asperrimas, temeram um dia a invasão de conquistadores disciplinados, de cujo poder o eco longinquo tivesse colleado pelas ravinas d'aquellas serras acima?

O povo das cercanias crê insistentemente que no castro ha thesouros encantados, tendo-se feito mais do que uma tentativa infructifera para arrancar o rico segredo á terra.

Um rapaz, que roçava mato no alto do cabeço, contou-me que um tio d'elle já fôra com outros fazer ali uma escavação. Era necessario dizerem, chegados que os pesquisadores fossem ao ponto sonhado: *arre diabo!* e para logo a terra se abria, como se abriu effectivamente; mas um dos da manga, atemorizado com o estampido que acompanhou o phenomeno, soltou um ingenuo *ai Jesus!* que foi a perdição do thesouro. Logo a terra, com fragor pavoroso, cerrou-se sobre si, como que irada, recusando o mysterio da sua riqueza. Tinha sido certo isto. Contára-lh'o o tio, ainda apavorado com a lembrança do caso. Fosse eu perguntar-lh'o e veria.

Pareceu-me isto uma especie de aviso que elle me fazia, adivinhando-me intenções.

No meio do castro ha um penedo com uma pia escavada¹, que mede 2^m,10 de comprimento, 0^m,70 e 0^m,80 de largura e 0^m,20 de profundidade. «Era dos mouros darem de beber aos seus corceis». Pois isso devia ser.

Do interior do recinto partem duas estradas subterraneas, que em rampa violenta vão dar a dois pégos profundos, um no rio Vêz, ao

¹ Vid. *O Arch. Port.*, IV, pag. 289.

poço de Padella, outro no de Cabreiro, ao poço Negro ¹. Nunca ninguém as viu, nem sequer as taes bocas, mas isso é o mesmo. Elle lá as ha. Ao fundo do castro para SE. vê-se uma fonte, junto da qual levantaram uma capella (Senhora das Necessidades). Um caminho lageado cyclopicamente, quasi como uma estrada romana, passa ao pé, subindo ás encostas em ingreme e tortuosa ladeira, desde lá de baixo, do fundo do valle. São as classicas calçadas das nossas serras.

Pois na manhã do S. João, antes do sol apontar, saía da fonte uma moura, que punha ali um *tendal* de roupa alvejante. Acertou de passar naquelle dia pelo sitio certa mulher, que sentiu desejos de uma camisa de criança que a moura avellava. Atrás dos olhos foi a mão sacrilega; mas eis senão quando estremece o ar em turbilhão uivante e a pobre criatura espavorida como que sente empuxão irresistivel, que lhe arrebatava a peça cobiçada. Ainda agora foge a atrevida!

A tal pia... era um thesouro o que lá estava. Assegura-se primeiro que teve tampa (tal não vi, nem sinaes), e que depois esta foi levantada

¹ Não pude visitar estes pégos ou poços. Visitei porem outro, ao qual está ligada a importante lenda, de que os velhos de Cabreiro, tidos por inuteis e pesados á população, eram nelle precipitados. Dizem que não tem fundo. Eram os proprios filhos que os conduziam á arêsta do abismo. E um dia certo velho, fingendo-se surprehendido com o filho o tomar aos hombros, perguntou: Onde me levas, filho? Hesitando o filho, sac-se o velho com esta: Ah, bem sei; onde o meu neto te ha de levar a ti! Caindo em si o moço, volta costas e torna a casa, alombando com o feliz velho. D'ahi, dizem, acabou a negregada costumeira. (Esta lenda, notarei de passagem, tem paradigmas noutras localidades). Ora o tal poço vale a visita de um viajante e de um geologo. Aquelle para sentir as emoções do perigo, este para admirar mais um trabalho dos seculos. Chama-se o pégo da *Olla*, que, por menos que se queira, é tal qual uma palavra latina que significa talha, pote ou urna grande de barro cozido. Agora, vejam se a configuração do pégo corresponde de algum modo á denominação popular. Imaginem um regato, que outra cousa não é o de Cabreiro, afogado entre margens ingremes e penhascosas. O seu leito é uma agglomeração de grossos calhaus rolados, que emigram de roldão a cada enchente. Num ponto, ha um desnivel de 10 metros de altura, por onde a agua se despenha num sendal de espuma. É como o alçapão do pégo. Logo as margens se estreitam até quasi se fecharem na boca do abismo, cujo diametro é pois, apenas de 3 metros. Da borda do penhasco á tona da agua vão 10 metros, a prumo. É como um furo que gigantesco trado abrisse no duro granito. Em baixo, a agua, que negra agua! sem transparencia, passa em borbotões que veem do fundo. Lançada a sonda, contam-se 7 metros de profundidade. Nas faces, cortadas a pique, do penhasco, vêem-se traços longitudinaes, que as pedras arrastadas e suspensas na corrente vertiginosa das cheias marcam irresistivelmente, como pontas de diamante. Este estreito buraco, assim perfurado em longuissimos seculos na rocha viva, com a profundidade de 17 metros, constitue, creio eu, uma singular amostra do poder da agua, alem do mais.

por homens de animo e não menor ambição, que se associaram para a empresa. Eram muitos; pois a cada um couberam seis moedas do cobre (!) que lá encontraram.

Isso de *birboras* com asas, que voavam de uns altos para os outros e até mamavam «muito sereninhas» nas vacas do monte, era coisa vista e até jurada por alguns dos proprios trabalhadores que reuni para a exploração.

Estas lendas, o onomastico e a situação do cabeça não permitem ver-se naquellas ruinas outra coisa, senão vestigios mais ou menos puros da fortaleza castreja.

Quanto á pia, subsistem duvidas no meu espirito.

Explorei onde havia indicios de construcções. Os mais importantes eram de uma edificação rectangular de $5^m,50 \times 4^m,10$, medidos na parte interna das paredes que tinham $0^m,60$ de espessura. Todos os entulhos ou montões de calhaus e terra que se accumulavam contra esta parede, quasi rasa com o chão, não deram mais do que fragmentos de *tegulae* e *imbrices*. Quis ver o fundo dos alicerces e ahi mesmo sobre terreno não remexido encontrei *tegulae*. Tinha pois sido moderna a construcção d'aquelle edificio, cujas paredes eram argamassadas.

Contigua a esta, houvera outra casa tambem quadrilonga e de quasi iguaes dimensões. No mesmo alinhamento, e proximo, outros alicerces marcavam um pequeno recinto quadrado, de mais reduzido tamanho. Estas construcções estavam proximas da pia. Fiquei convicto que nenhum valor archeologico podiam ter. Foram habitações modernas e certamente temporarias. Aquelle logar é todo exposto ás frias nortadas e quasi inhabitavel no inverno, e os edificios grandes de mais, para habitação de montanheses.

É possivel que, por occasião da invasão hespanhola posterior a 1640, aquelle castro tivesse sido aproveitado pela sua situação especial, como sentinella ou posto avançado. Por estas serras desceu o general Pantoja na sua incursão ao valle do Vêz. Nenhuma memoria ou tradição encontrei, porém, d'este facto presumivel.

Varias sondagens em outros pontos do castro nenhum resultado deram. Nem um caco ornamentado! Completa desolação archeologica!

Poderão ter sido as muralhas levantadas nalgum periodo das primeiras lutas da nossa nacionalidade? Não me parece que a architectura militar d'aquelle tempo ou posterior possa explicar este genero de construcção.

É pois indispensavel admittir que aquelle cabeça foi assento de povoação ou fortaleza proto-historica; é verosimil que ulteriormente,

em épocas indetermináveis, esta situação estratégica fosse aproveitada para nossa defesa fronteiriça. Não sei explicar de outra maneira a completa destruição de vestígios característicos d'estas estações.

Outubro de 1904.

F. ALVES PEREIRA.

Fragmento de uma inscripção romana de Elvas

No castello de Elvas appareceu, e foi já recolhida no Museu Municipal, por diligencia do Sr. Antonio Thomás Pires, o fragmento de uma árula de marmore, de 0^m,23 × 0^m,19, em que se lê o seguinte, que copiei do original:

FLAVIA
SEVERA

Represento por pontos o que falta da 2.^a palavra. A altura das letras é de 0^m,35.

A 1.^a palavra não começava na extremidade da pedra, mas um pouco mais dentro. O S da 2.^a palavra devia começar no principio da linha.

J. L. DE V.

As insulas nos documentos portuguezes mais antigos

Em diversos logares dos *Portugaliae Monumenta Historica* encontra-se menção de *insulae* situadas em regiões do norte de Portugal. Com o fim de as localizar, trabalhei por encontrar as correspondencias dos antigos nomes com os modernos, sem todavia conseguir aquelle fim, o que se verificará nas palavras com que antecedeo cada um dos trechos dos *Diplomata et Chartae* que colligi.

Na secção da mesma publicação intitulada *Scriptores* encontram-se tambem menções de *insulas*, que são as que se seguem.

Na *Vida de S. Rosendo*¹, pag. 39, 1.^a col., lê-se o seguinte: «Abbas uero coactus cum paucis eius tirannidem fugiens in *insulas* de corugio, ut saltem ibi deo quiete seruiret, profectus est».

¹ *Rosendo* é o antigo nome *Rudesindus* ou *Rodesindus*, no qual o elemento *Rude*, segundo Meyer-Lübke, *Romanische Namenstudien*, 1 *Die alport. Personnamen germanischen Ursprungs*, pag. 37, significa *Ruhm* ou gloria. Em Lisboa ha um beco hoje chamado do Rosendo que pelos documentos antigos e pelo Tombo da Cidade, composto depois do terremoto de 1758, se vê ter tido a denominação de *Resende*. O nome Rosendo é muito estimado pelos Gallegos meridionaes, em virtude do santo ter vivido nessa região.